

DISCURSO DE PARANINHO DA TURMA DE 2004 – DALMO DE ABREU DALLARI – DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (CURSO DIURNO)*

PARANYMPH PROFESSOR DALMO DE ABREU DALLARI'S SPEECH, DIURNAL COURSE, OF THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO LAW SCHOOL (A REQUEST OF THE UNDERGRADUATING STUDENTS OF THE YEAR 2004)

*João Alberto Schützer Del Nero***

– Senhor Professor Antonio Luís Chaves Camargo, Digníssimo Diretor em exercício da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo:

– Senhor Professor Dalmo de Abreu Dallari, Patrono da Turma de 2004 da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo:

– Senhores Professores Antonio Carlos Marcato, Antonio Scarance Fernandes, Erasmo Valladão Azevedo e Novaes França, Eros Roberto Grau, Goffredo da Silva Telles Junior, Ivette Senise Ferreira, Maria Thereza Rocha de Assis Moura e Miguel Reale Júnior, Professores homenageados pela Turma:

– Senhor Professor José Roberto dos Santos Bedaque, Paraninfo dos formandos do Curso Noturno, em cuja pessoa eu cumprimento os demais professores da Faculdade de Direito:

– Senhores Dorival Sales e Valdir José Maria, Funcionários homenageados pela Turma, em cujas pessoas eu cumprimento os demais funcionários da Faculdade de Direito:

– Senhores alunos da Faculdade de Direito:

– Senhoras mães, senhores pais, demais familiares e amigos dos formandos:

– Minhas senhoras e meus senhores:

– Senhores formandos da Turma de 2004 da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – Dalmo de Abreu Dallari –, em particular os do Curso Diurno:

Quem é o paraninfo?

O paraninfo é – aliás, sempre foi e continua sendo – alguém que escolhemos para acompanhar-nos num momento solene de transição entre duas quadras de nossas vidas: uma, que mal termina e já pertence à memória; e outra, que apenas começa e ainda é incógnita.

* Este discurso é publicado atendendo solicitação dos alunos formandos da Turma de 2004. Na época não foi remetido ao Serviço Técnico de Imprensa.

** Professor Doutor do Departamento de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

O paraninfo é, portanto, antes de tudo, alguém que nós escolhemos. Agradeço, sincera e profundamente comovido, a elevada honra de ter sido escolhido paraninfo dos senhores. E espero estar à altura dela.

Que se espera do paraninfo?

Por ser quem é, esperam-se do paraninfo recordações de um tempo que termina e augúrios para um tempo que começa.

Neste momento, encerra-se a longa fase de preparação intelectual e moral dos senhores, que principiou em casa, prosseguiu no ensino de nível fundamental, no de nível médio e culminou no de nível superior – o curso de graduação em Direito, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

É triunfo extraordinário, de que poucos podem orgulhar-se. Os senhores podem. Arrogando-me a função de porta-voz de todos os seus professores, desde os que lhes ensinaram as primeiras letras até aos meus ilustres colegas, congratulo-lhes pelo notável êxito.

Antes, porém, dos professores – e acima deles –, estão os seus mestres primeiros e de sempre; os que lhes ensinaram a brincar, a falar palavras, a construir frases; os que lhes transmitiram os primeiros e mais altos valores culturais. De cada um dos senhores, são eles a mãe e o pai, aos quais cabe não pequena parcela da conquista que ora se celebra. Não ousou cumprimentar os senhores em nome deles: limito-me a, com toda a homenagem, estender a eles as congratulações que há pouco dirigi aos senhores.

Lembro ainda aos senhores que tiveram o privilégio – alcançado pelo mérito, mas mesmo assim privilégio – de desenvolver seu curso superior numa universidade pública, gratuita, mantida com recursos provenientes de impostos, com igual alíquota e idêntica base de cálculo, pagos por pessoas de todas as camadas econômicas, das menos aquinhoadas às mais abastadas. Contraíram, pois, os senhores vultosa dívida com o povo brasileiro, que de alguma maneira terão de saldar.

Neste mesmo momento, inicia-se também a fase, igualmente longa – eu espero –, em que os senhores exercerão – ou, pelo menos, poderão exercer – as mais diversas profissões jurídicas.

Futuros membros do Poder Judiciário; do Poder Executivo; do Poder Legislativo; do Ministério Público; das Procuradorias, Advocacias e Defensorias Públicas; da Advocacia, em que há exercício privado de função pública; e futuros membros do Magistério de nível superior:

A todos os senhores eu auguro pleno sucesso.

Auguro-lhes não o mero sucesso econômico – que pode vir e pode não vir –, mas, sim, o sucesso de suprir deficiências, corrigir desvios e superar limitações.

Auguro-lhes não o ilusório e efêmero sucesso do dinheiro, mas o genuíno e perene sucesso da honra.

Segundo Heródoto, depois da vitória das Termópilas, Xerxes, em conversa com desertores da Arcádia, indagou-lhes que estariam a fazer os gregos. Responderam-lhe que “celebravam os jogos olímpicos e assistiam a concursos ginásticos e corridas de cavalos”. Xerxes, então, quis saber que prêmio disputavam. Declararam-lhe os arcades: “Uma coroa de folhas de oliveira”. Ao ouvir que o prêmio não consistia em dinheiro, mas, sim, numa coroa, Xerxes não se conteve e, na presença de todos, exclamou: “Ai de nós, Mardônio, trouxeste-nos para lutar contra homens que competem não pelo dinheiro, mas pela honra”.¹

Como se conquista a honra?

Correndo deliberadamente o risco de parecer antiquado, afirmo-lhes que apenas o incessante exercício das virtudes pode trazer-nos a honra.

O exercício de todas as virtudes:

Das três virtudes intelectuais: ciência, sabedoria (prática e filosófica) e entendimento.

Das quatro virtudes morais ou cardeais: fortaleza, temperança, justiça e prudência.

E – pasmem os senhores! – das três virtudes teologais: fé, esperança e caridade.

Na *Comédia* – mais conhecida, a partir do século XVI, como *A Divina Comédia* –, Dante empreende longa caminhada, que começa no Inferno, continua no Purgatório e termina no Paraíso. Seu guia, no Inferno e no Purgatório, é o poeta romano Virgílio. No Paraíso, Dante é guiado, no início, por Beatriz, a jovem por ele amada; e, no final, pelo místico São Bernardo de Clairvaux.

Por que Virgílio não pôde acompanhar Dante no Paraíso?

Porque, não sendo batizado e cristão, lhe eram estranhas as virtudes teologais, embora, para Dante, houvesse sido o pagão de mais elevadas e perfeitas virtudes intelectuais e morais.

Meus caros formandos da Turma de 2004 da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em particular os do Curso Diurno:

Os senhores não estão prestes a entrar nalgum paraíso, após percorrer algum inferno e algum purgatório.

Não esperem alguma Beatriz, nem algum São Bernardo para guiá-los no futuro.

E eu não sou nenhum Virgílio, que os tenha guiado no passado.

Mas, se até agora os senhores tiveram quem os guiasse e com quem

¹ GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 32.

aprendessem a cultivar as três virtudes intelectuais e as quatro virtudes morais, doravante não terão ninguém que os guie, nem essas sete virtudes lhes serão suficientes.

Sozinhos, a elas os senhores terão de acrescentar – cultuando e exercendo – as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade.

Numa versão laica, porém.

Fé: – No regime democrático. – E no Estado de Direito.

Esperança: – Na solução pacífica dos conflitos, individuais e coletivos, internos e internacionais. – E na construção de uma sociedade livre, pluralista, justa e solidária.

E caridade, que consiste: – Na intangibilidade dos direitos fundamentais. – E na reverência, incondicional, pela eminente dignidade da pessoa humana, que impede não apenas que nós menoscabemos os outros, mas também que nós nos degrademos a nós mesmos.

Meus caros ex-alunos e, se me permitem dizê-lo, meus diletos afilhados:

Despeço-me de vocês com algumas das derradeiras palavras dirigidas por Virgílio a Dante, ainda no Purgatório, mas já no limiar do Paraíso:²

Quando já a escada toda foi por nós
corrida, vindos ao degrau superno,
senti em mim de Virgílio o olhar, e a voz
ouvi: “O temporário fogo e o eterno
viste, filho, e chegaste agora à parte
onde eu já, por mim só, não governo.
Aqui eu te trouxe com engenho e arte;
seja ora o teu querer quem te conduz;
[...]
Não esperes de mim palavra ou gesto;
é livre a tua vontade e reta e boa;
erro seria impedi-la. Ora eu protesto,
por ti, vestir em ti mitra e coroa”.

Muito obrigado.

² ALIGHIERI, Dante. *La divina commedia*, Purg. XXVII, 124-131 e 139-142. Tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 181-182. Alterei a tradução do v. 142: “em ti, por ti, vestir mitra e coroa”.